

Simonsen acha política correta mas sugere "pequenos ajustes"

O GLOBO

Economia
Brasil

SÃO PAULO (O GLOBO) — O ex-ministro do Planejamento Mário Henrique Simonsen disse ontem que as grandes linhas da política econômica do Governo estão "basicamente corretas", mas defendeu a adoção de "pequenos ajustes que aliviem o aperto". Segundo ele, a atual fase recessiva da economia é inevitável, pois é a única solução para combater o desequilíbrio no balanço de pagamentos.

Para tornar menos dolorosa a atual fase de desaquecimento da economia e mais eficiente o combate à inflação, Simonsen propôs a reativação de algumas atividades industriais — as menos dependentes de componentes importados —, o fim da atual política salarial e a redução nos rendimentos do setor bancário.

MENOS SUBSÍDIOS

Para alcançar estes objetivos, o ex-ministro do Planejamento sustenta que o Governo poderia reduzir a pesada carga de subsídios à atividade econômica, destinando estes recursos às empresas estatais, que poderiam, desta forma, aumentar suas encomendas ao setor privado industrial. Assim, seriam minoradas as consequências sociais do desaquecimento, desafogando, ao mesmo tempo, a parcela da indústria.

Esta reativação de algumas áreas industriais não se faria, na opinião do ex-ministro, com recursos inflacionários, já que eles seriam provenientes do volume atualmente destinado a subsidiar outros setores.

Simonsen também propôs que a legislação salarial fosse radicalmente alterada, pois ela "representa um dos principais pontos de resistência à queda da inflação". Ele é a favor da negociação direta entre empregados e empregadores, com o Governo atuando somente na fixação do salário mínimo. Desta maneira, segundo ele, evita-se a realimentação da taxa de inflação, o desemprego e a rotatividade de mão-de-obra.

A terceira medida receitada pelo professor diz respeito à política monetária.

Em sua opinião, ao lado de uma contenção estrita da base monetária, deveria ser eliminado o controle quantitativo da expansão do crédito. Com isto, aumentaria a disposição de empréstimos bancários aos industriais, reduzindo os juros e a rentabilidade do setor. Simonsen também propôs um corte drástico nas contas em aberto do Orçamento Monetário, como forma de evitar a expansão da base monetária.

FREIO E ACELERADOR

— Após a minha saída do Ministério — continuou Simonsen — houve um interregno de propulsão da atividade econômica. Demorou-se muito para pisar no freio da economia e quanto mais tarde se freia, maior será a violência e a força exigida para brecar de vez. Mas, a partir dai, pode-se soltar levemente o pedal, sem, contudo, pisar no acelerador.

O ex-ministro do Planejamento considerou "realista e sensata" a afirmação do presidente Figueiredo, segundo a qual, o País ainda precisa enfrentar um período de três anos de sacrifícios e contenção econômica. Para Simonsen, não há como se retornar, atualmente, ao crescimento econômico de épocas passadas: "Não se pode reproduzir infinitamente os períodos de milagres, sobretudo porque a turbulência internacional não emite sinais de calmaria".

Simonsen mostrou-se contrário à tese defendida pelo empresário Antônio Ermírio de Moraes, de que seria necessária a renegociação da dívida externa brasileira. Para o ex-ministro, a sugestão aliviaria apenas um aspecto do perfil da dívida, ou seja, a tomada de empréstimos para promover o seu giro. Mas agravaria a outra face da moeda, que é a contratação de financiamentos para cobrir os déficits da conta comercial e de serviços.

— Se o País reescalonasse a dívida — disse — não conseguiria mais os empréstimos, o que nos forçaria a cortar drasticamente as importações com reflexos por toda a economia.

CONCURSO

O ex-ministro do Planejamento anunciou ontem a realização do Concurso Brasileiro de Contabilidade e Auditoria, promovido pela Price Waterhouse. O concurso irá premiar a melhor monografia sobre temas ligados à contabilidade e à auditoria, escolhida por uma comissão julgadora presidida por Simonsen.

Simonsen disse que o objetivo do concurso é colaborar com o desenvolvimento do pensamento contábil brasileiro, incentivando a reflexão, a pesquisa e a divulgação de conhecimentos nos dois campos.

O melhor trabalho apresentado receberá o Prêmio Price Waterhouse acompanhado de cheque no valor de Cr\$ 750 mil. Além desse prêmio, poderão ser entregues menções honrosas e todos os trabalhos premiados serão editados em livro. O concurso se destina aos profissionais ligados às áreas de contabilidade e auditoria, podendo concorrer os bacharéis em ciências contábeis e seus equiparados legais, registrados nos conselhos regionais de contabilidade na categoria de contador e os alunos regularmente matriculados em cursos de ciências contábeis a nível universitário.

CRÍTICA A DELFIM

BRASÍLIA (O GLOBO) — O líder do PPN no Senado, senador Evelásio Vieira, afirmou ontem, da tribuna, que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, "retomou o lugar de primeiro-ministro de fato, que ocupou nos governos Costa e Silva e Médici, quando iniciou a era dos projetos grandiosos, em total inobservância de que o País não dispunha de recursos financeiros".

Analizando recente entrevista do ministro sobre as alterações no sistema previdenciário, o líder oposicionista chegou à conclusão de que, na medida em que Delfim Netto traça os rumos da Previdência, "passa a sobrar um cargo no ministério do governo Figueiredo, exatamente aquele que vinha sendo ocupado pelo Jair Soares, cuja presença se torna dispensável".